

Crónica

Cristina Botelho

In Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais

ISBN 978-989-20-9853-1

Como citar

Botelho, C. (2019). Crónica. In A. Coutinho & N. Jorge (Cords.), *Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais* (pp. 27-32). NOVA FCSH-CLUNL.

<https://novaresearch.unl.pt/en/publications/ensinar-géneros-de-texto-conteúdos-estratégias-e-materiais>

CRÓNICA

CRISTINA BOTELHO¹⁰

CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO¹¹

Caracterização: aspetos contextuais

A crónica é um texto geralmente escrito, mas também pode ser oral, e é divulgada pelos meios de comunicação social (rádio, jornais, revistas, em papel ou na internet), em secções específicas; por isso aparece associada à área do jornalismo, embora, por vezes, assuma um estatuto híbrido entre o jornalismo e a literatura. Sujeita ao ritmo da publicação, não admira que tenha como ponto de partida, muitas vezes, um acontecimento do quotidiano, quer seja social, económico, político ou cultural, que serve de motivo para uma reflexão subjetiva que pretende sensibilizar os leitores para a realidade retratada.

As crónicas são escritas por especialistas, por vezes escritores que preferem os temas mais pessoais e até autobiográficos que prendem a atenção do leitor devido à qualidade literária da sua escrita. As crónicas tornaram-se também um meio de publicitação da figura e da obra de um escritor, seja ele jovem ou consagrado.

A crónica tem conseguido sobreviver à sua efemeridade ao transitar para o formato em livro.

Caracterização: aspetos organizacionais

Embora não possuam um plano de texto fixo, as crónicas tendem a apresentar uma estrutura semelhante que passa pela apresentação / contextualização do tema escolhido pelo cronista para depois passar para a reflexão sobre o mesmo; as mais intimistas podem ser mais fluídas, tendo como ponto de partida um pormenor que captou a atenção do autor para a partir daí nos conduzir para o tema que pretende realmente tratar; há, no entanto, outras, as autobiográficas, que retratam um episódio da vida do seu autor, que obedecem a um estilo pessoal e introspetivo.

¹⁰ **Cristina Botelho** é professora no Agrupamento de Escolas Anselmo de Andrade – Almada.

¹¹ **Referências bibliográficas:** Araújo & Barbosa, 2003; Bernardes *et al.*, 1998; Cândido, 2003; Coelho, 1997; Neiva, 2005; Reis, 2005.

Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- A relação com a atualidade manifesta-se no recurso ao presente do indicativo (com valor deítico) e a deíticos (espaciais e temporais), que localizam os acontecimentos no espaço e no tempo.
- O caráter pessoal e subjetivo justifica que as crónicas sejam redigidas na 1.ª pessoa do singular, reforçadas por deíticos pessoais, para traduzir a reflexão pessoal ou a intenção crítica do cronista.
- As crónicas também podem ser redigidas na 1.ª pessoa do plural, com o objetivo de implicar os outros na mensagem transmitida, ou na 3.ª pessoa do singular, quando o produtor textual não está implicado no acontecimento.
- Recorrem, por vezes, a um tom humorístico e até irónico para captar a atenção do leitor, servindo-se para o efeito de recursos expressivos como a ironia, a metáfora a hipérbole e a repetição.
- O uso de conectores serve sobretudo para estabelecer conexões lógicas entre partes do texto.
- Quanto aos tempos verbais, destacam-se o presente do indicativo (com valor deítico) como tempo base e os deíticos (espaciais e temporais) e outros localizadores (temporais), que situam os acontecimentos no espaço e no tempo.

EXEMPLOS DE CRÓNICAS

Texto A - Crónica publicada em jornal e compilada em livro

Os bárbaros

Primeiro vieram a cavalo e a galope. Guerreando porque serem guerreiros era a sua condição e a sua razão de viver. Os bárbaros. Alanos, Vândalos e Suevos. Mais tarde os Visigodos. Algo os atraía já neste claro azul quase africano. Vinham dos seus países brancos e invernosos, talvez gostassem do brando clima e do azul do céu, gostavam decerto das terras que conquistavam aos indígenas, e onde se instalavam. Depois pararam as visitas violentas. As últimas, e mais breves, foram as francesas.

E durante muito tempo não houve incursões. Até ao advento do turismo. E então ei-los que se puseram a chegar todos os anos pelo verão, voando ou de camioneta de vidraças panorâmicas e ar condicionado, de automóvel também, naturalmente, e até em auto-stop, que é a maneira atual de viajar na garupa do cavalo. Enchem os hotéis de todas as estrelas que há na terra e também os parques de campismo onde erguem as suas tendas de paz. Vêm armados de máquinas fotográficas e de filmar. E só lhes interessam as coisas, e eles próprios no meio delas. Quanto aos indígenas, querem lá saber. Como dantes.

É uma coisa engraçada, o turismo. Porque não traz nada de verdadeiramente novo. Como, de resto, nada neste mundo, ou tão pouco. As coisas é que mudam de nome e de rosto com o tempo. Mas repetem-se incessantemente.

Estou a escrever estas regras – já muitas vezes escritas – porque avistei agora mesmo, da minha janela, um grupo loiro e colorido de viking, saindo do seu drakkar terrestre e sem cabeça de dragão.

Carvalho, Maria Judite (1991). *Este tempo*. Lisboa: Caminho, p. 54

Estrutura do texto

- Contextualização do tema: antecedentes históricos (invasões do território nacional) e posterior paralelismo com turismo
- Reflexão sobre o comportamento dos turistas, em tom crítico
- Justificação do tema abordado

Marcas linguísticas

- Presente do indicativo (relação com a atualidade)
- Deíticos pessoais
- Deíticos temporais e outros localizadores temporais que estabelecem uma sequência temporal
- Pretérito perfeito e imperfeito usados na contextualização histórica do tema
- Conectores com valor causal
- Metáfora (“Vêm armados de máquinas fotográficas”)

Local da publicação: *O Jornal*, 18/07/1980; livro *Este Tempo*

Produtor textual: escritora

Texto B- Crónica publicada em revista

Chatícias

A experiência de assistir aos canais televisivos de notícias é, neste momento, muito semelhante à de aturar chatos numa festa. Nas festas há, simplificando (não quero aborrecer ninguém com uma taxinomia exaustiva), três grandes tipos de chato: o chato que fala apenas de um tema, o chato que fala desordenadamente de demasiados temas e o chato bêbado que repete várias vezes a mesma história. Os canais de notícias conseguem fazer o pleno das estratégias de chatice. Umhas vezes, são o chato que fala só de um tema. Há várias alturas em que todos os canais de notícias têm gente a discutir e a especular sobre futebol, e a lamentar o mal que as discussões e as especulações sobre futebol fazem ao futebol. Ao domingo há comentários ainda a quente, e por isso os ânimos exaltam-se. À segunda já é possível ter uma perspectiva mais distanciada e os ânimos exaltam-se por, apesar disso, toda a gente manter as posições exaltadas da véspera.

À terça analisa-se com mais pormenor a arbitragem, e os ânimos exaltam-se. À quarta examinam-se novas imagens que revelam que afinal não havia razão para que os ânimos se tivessem exaltado, e por isso os ânimos exaltam-se. À quinta já não há assunto. Por isso, os ânimos exaltam-se. À sexta começa a ser feita a antevisão da jornada seguinte. E os ânimos, em princípio, exaltam-se. E ao sábado há relatos em direto dos jogos, durante os quais, muitas vezes, os ânimos se exaltam.

Noutras ocasiões, os canais de notícias são o chato que quer agradar falando de vários temas: então o nosso Benfica? E isto do Bolsonaro, pá? E aquilo da EMEL e os carros em cima do passeio? São demasiadas conversas muito diferentes ao mesmo tempo. Este tipo de chato é o que se encarrega de escrever os rodapés que vão passando durante a emissão. Começa, por exemplo, com: “Especialistas alertam para perigo real de guerra entre EUA e Irão.” A seguir, escreve: “Kim Kardashian tira selfie polémica.” E depois: “Ovibeja: certame começa amanhã.

Por fim, são o bêbado que se repete. De hora a hora transmitem o mesmo noticiário. E quase todos os programas são emitidos mais do que uma vez. A única diferença em relação à experiência de aturar chatos em festas é que, quando estou a ver canais de notícias, não estou a beber nada. Mas vontade não me falta.

Pereira, Ricardo Araújo, in *Visão*, 12/07/2019

Estrutura do texto

- O autor apresenta o tema: assistir aos canais televisivos de notícias é atualmente uma experiência muito chata.
- Num tom humorístico, o cronista vai expondo o seu ponto de vista, comparando a experiência de assistir a programas noticiosos com a experiência de aturar chatos numa festa.
- O autor termina o texto, reforçando a sua posição pessoal em relação ao tema tratado.

Marcas linguísticas

- Presente do indicativo e uso da 3.ª pessoa (quando descreve a forma monótona como a atualidade é explorada pelos canais de notícias)
- Deíticos pessoais reveladores da implicação e posição crítica do enunciadador
- Deíticos temporais (“neste momento”)
- Recursos expressivos: repetições (“chato”, “ânimos”, “exaltam-se”), ironia ao referir a falta de critério na sequência de notícias apresentadas em rodapé, neologismo irónico do título
- Conectores com valor conclusivo (“por isso”), enumerativo (“por fim”) e adversativo (“mas”)

Local da publicação

Revista *Visão*, 12/07/2019

Produtor textual

Escritor

Texto C- Crónica publicada em revista

Conta lá a história das bibliotecas itinerantes

Às vezes, dou por mim a falar nisso perante uma plateia que me olha como se estivesse a dar notícias de um mundo meio real, meio imaginário. Não preciso de pensar muito no que estou a dizer porque, por preguiça, utilizo quase sempre as mesmas palavras, basta-me seguir o desejo de exotismo que encontro nos olhos que me fixam. Então, parece-me, sou um pouco como aqueles escritores africanos ou sul-americanos a quem se exige episódios coloridos, personagens singulares, anedotas, contos com moral.

Ainda assim, cada vez mais raramente, acontece estar alguém na sala que também conheceu essas bibliotecas, que também lá esteve. Então, de repente, as palavras voltam a ganhar significado, enchem-

Estrutura do texto

- O autor contextualiza o tema: o papel das bibliotecas itinerantes (da Fundação Calouste Gulbenkian) na sua vida e a necessidade de preservar essa memória.
- O autor relata a sua experiência pessoal, contrapondo as ocasiões em que fala em público, enquanto escritor, e o tempo a que se reportam as memórias da sua infância, enquanto leitor.

se. **Ouço** essa pessoa contar as suas memórias e, durante aquele instante, somos irmãos no olhar. As descrições têm préstimo, **mas** há uma presença muito mais funda, invisível, há a certeza de que, afinal, aquele tempo e aquele lugar existiram mesmo. Até eu já começava a duvidar.

As fitas adesivas coladas nas lombadas eram reais.

Uma vez por mês, ao fim da tarde, a carrinha Citroën **chegava** ao terreiro de Galveias, calhava-nos as quartas-feiras. **Ficava** estacionada em frente da cooperativa. Em Galveias, depois do 25 de Abril, o clube dos ricos passou a sede da cooperativa. **Quando eu chegava**, vindo dos lados do São João, já havia outros rapazes e raparigas à volta da carrinha.

Impressionava-me a quantidade de livros. **Precisava** de **me** esticar para chegar às prateleiras mais altas e, por isso, parecia-me que não tinham fim. O senhor Dinis **conduzia** a carrinha, **recebia** os papéis preenchidos com os códigos dos livros que **requisitávamos**, foi então que aprendi esse verbo, e era dentista. **Eu** conhecia-o da sala de espera, aquele cheiro antisséptico, onde aguardava a minha mãe e as minhas irmãs. Encontrei-o no ano passado na biblioteca de Abrantes, **tirámos** uma fotografia juntos. **Aproveito** para lhe enviar um abraço. **Espero** que esteja a ler estas palavras, com saúde.

Levávamos sempre a quantidade máxima de livros. E, sim, é verdade aquilo que **costumo** dizer: **líamos** muito depressa os que **tínhamos** e, depois, **íamos** trocando entre nós até ao regresso da biblioteca no mês seguinte.

Esse era também o tempo das sessões de cinema do Inatel no centro paroquial e na casa do povo. Foi dessa forma que, em Galveias, desci a ladeira, passei pela travessa da fonte e cheguei a casa com o rosto incendiado pelo Apocalipse Now. Foi também assim que assisti ao Baile, de Ettore Scola, sentado em cadeiras de tábua dura exatamente como aquelas em que assistia a bailes no salão da sociedade filarmónica. Poderia agora dar muitos outros exemplos.

Conheço as crianças de Galveias. Há dois anos, estive na escola onde também **eu** aprendi a ler e vejo-as na rua **quando lá** vou. No entanto, se quero identificá-las, tenho de perguntar-lhes quem são os seus pais. Nos sábados de manhã, ouve-se muito menos crianças a brincar do que no **meu** tempo. No ano passado, na **minha** terra, morreram mais de cinquenta pessoas e nasceram apenas duas.

As crianças de Galveias são iguais às de antes. **Snto** pena que tenham menos do que eu tinha há quase trinta anos. Não se evoluiu. Na formação e na vida, a televisão não substitui a leitura e o cinema.

Ao falar de bibliotecas itinerantes aos meus filhos ou a essas crianças, **sinto** que **sou** como o **meu** pai **quando** me contava histórias da sua infância. Eu sabia que se tinham passado com ele **mas**, para mim, esse conhecimento era muito vago, pareciam lendas. No entanto, esse tempo era tão concreto como este. Um dia, **este tempo, hoje de manhã, ontem, este preciso momento**, será contado pelos **meus** filhos e por essas crianças com o mesmo tom com que **agora falo** de bibliotecas itinerantes. Naquele tempo, dirão. E aquele tempo será isto, tão concreto, tão prosaico, tão isento de magia. Estes objetos sem graça serão esse incrível futuro.

Eu, que **estou aqui neste instante**, também estava **lá**, a cheirar aqueles livros, a subir para a carrinha, a escutar a voz do doutor Dinis. **Por isso**, ainda que use as mesmas palavras até à exaustão, hei de continuar a repetir esta história. Sempre. É a **minha** história.

Peixoto, José Luís, in *Visão*, 31/03/2014

- O autor termina reforçando que a história que conta é a sua história.

Marcas linguísticas

- **Deíticos pessoais** (sobretudo para referir a sua experiência efetiva e frequente de falar com o público sobre bibliotecas itinerantes), que reforçam o caráter autobiográfico desta crónica

- **Deíticos temporais e espaciais** (“*este tempo*”, “*hoje de manhã*”, “*este preciso momento*”, “*agora*”, “*neste instante*”, “*lá*”, “*aquí*”)

- **1.ª pessoa do plural + pretérito imperfeito** (“*requisitávamos*”, “*líamos*”, “*tínhamos*”, “*íamos*”) – efeito de confirmação da veracidade dos acontecimentos, implicando outros

- **Pretérito imperfeito** (“*chegava*”, “*ficava*”, “*precisava*”, “*recebia*”) – permite recuar ao tempo da infância e à sua memória da biblioteca itinerante

- **Conectores com valor causal** (“*porque*”), adversativo (“*mas*”, “*ainda assim*”), conclusivo (“*por isso*”)

- **Recursos expressivos**: metáfora (“*rosto incendiado pelo Apocalipse Now*”)

Local da publicação

Revista *Visão*, 31/03/2014

Produtor textual

Escritor

PERCURSO DIDÁTICO

Análise de três crónicas (3.º Ciclo do Ensino Básico – 9.º ano)

1. Os alunos leem em voz alta a crónica “Os bárbaros”.
2. É entregue aos discentes uma grelha de análise comparativa de três crónicas; preenche-se em conjunto a primeira coluna da grelha de análise comparativa dos textos.

Grelha de análise comparativa de crónicas

Parâmetros de análise		“Os Bárbaros”	“Chatícias”	“Conta lá a história...”
Tema				
Ponto de vista do cronista				
Tom (irónico, humorístico, crítico, introspetivo, autobiográfico)				
Plano do texto				
Marcas linguísticas	Linguagem			
	Marcas da pessoa gramatical			
	Deíticos			
	Tempos verbais			
	Conectores			
	Recursos expressivos			

3. Trabalho de pares: após a distribuição das crónicas “Chatícias” e “Conta lá a história...” aos alunos, é-lhes pedido para as lerem e analisarem, preenchendo em seguida a grelha entregue anteriormente.
4. Os alunos partilham os resultados com a turma e, se necessário, far-se-ão as correções necessárias.
5. A partir da observação da grelha, procede-se ao levantamento das diferenças e dos pontos em comum entre as crónicas.

Grelha de análise comparativa de crónicas (preenchida)

Parâmetros de análise		“Os Bárbaros”	“Chatícias”	“Conta lá a história ...”
Tema		A invasão dos turistas	Os programas dos canais televisivos de notícias são chatos	O papel da biblioteca itinerante na vida do cronista e a necessidade de manter viva essa memória
Ponto de vista do cronista		Subjetivo	Subjetivo	Subjetivo
Tom (irónico, humorístico, crítico, introspetivo, autobiográfico)		Crítico	Crítico Humorístico	Introspetivo Autobiográfico
Plano do texto		- Apresentação do tema - Reflexão sobre o mesmo - Reforço da ideia inicial	- Apresentação do tema - Reflexão sobre o mesmo - Reforço da ideia inicial	- Apresentação do tema - Reflexão sobre o mesmo - Reforço da ideia inicial
Marcas linguísticas	Linguagem	Quidada Vocabulário simples, acessível a todos	Corrente (propositadamente repetitiva)	Quidada Vocabulário simples, acessível a todos
	Marcas da pessoa gramatical	- Verbos na 1. ^a pessoa do singular (sujeito enunciador) - Verbos na 3. ^a pessoa do plural (de quem se fala)	- Verbos na 3. ^a pessoa do plural, (de quem se fala) - Verbos na 1. ^a pessoa do singular (sujeito enunciador)	Verbos na 1. ^a pessoa do singular (sujeito enunciador) Verbos na 1. ^a pessoa do plural (sujeito enunciador e companheiros de infância)
	Deíticos	- Pessoais (“estou”, “avistei”, “minha”) - Temporais (“agora”)	- Pessoais (“quero”, “estou”) - Temporais (“neste momento”)	- Pessoais (“me”, “eu”, “meu”, “minha”) - Temporais (“este tempo”, “hoje de manhã”, “este preciso momento, agora”) - Espaciais (“lá”, “aqui”)
	Tempos verbais	- Presente (“querem”, “vêm”) - Pretérito perfeito simples (“vieram”) - Pretérito imperfeito (“atraía”)	- Presente (“quero”, “estou”, “fazem”, “exaltam-se”)	- Presente (“dou”, “ouço”) - Pretérito imperfeito (“líamos”, “precisava”)
	Conectores	“porque”	“por isso”, “por fim”, “mas”	“porque”, “mas”, “ainda assim”, “por isso”
	Recursos expressivos	- Metáfora (“Vêm armados de máquinas fotográficas e de filmar.”)	- Repetição (“chato”, “ânicos”, “exaltam-se”) - Ironia (“Especialistas alertam para perigo real de guerra entre EUA e Irão.”)	- Metáfora (“...rosto incendiado pelo Apocalipse Now”)

6. Individualmente, os alunos elaboram uma síntese escrita das características da crónica (partindo-se do pressuposto que a síntese já foi objeto de estudo em aula).